

Modernismo – 2ª Fase *(Prosa)*

E	U	
P	A	S-
S	O	

	T	U
P	A	S-
S	A	S

E	L	E
	R	A-
L	A	

Modernismo – 2ª Fase (Prosa)

1. Leia o trecho a seguir:

“Inimigo da riqueza e do trabalho, amigo das festas, da música, do corpo das cabrochas. Malandro. Armador de fuzuês. Jogador de capoeira navalhista, ladrão quando se fizer preciso.”
(Jorge Amado, *Capitães de areia*)

O tipo cujo perfil se traça, em linhas gerais, neste excerto, aparece em romances como *Memórias de um sargento de milícias*, *O cortiço*, além de *Capitães de areia*. Essa recorrência indica que:

- a) certas estruturas e tipos sociais originários do período colonial foram repostos durante muito tempo, nos processos de transformação da sociedade brasileira.
- b) o atraso relativo das regiões Norte e Nordeste atraiu para elas a migração de tipos sociais que o progresso expulsara do Sul/Sudeste.
- c) os romancistas brasileiros, embora críticos da sociedade, militaram com patriotismo na defesa de nossas personagens mais típicas e mais queridas.
- d) certas ideologias exóticas influenciaram negativamente os romancistas brasileiros, fazendo-os representar, em suas obras, tipos sociais já extintos quando elas foram escritas.
- e) a criança abandonada, personagem central dos três livros, torna-se, na idade adulta, um elemento nocivo à sociedade dos homens de bem.

2. Leia o fragmento abaixo transcrito da obra “*Vidas Secas*” e responda à questão a seguir:

“Vivia longe dos homens, só se dava bem com animais. Os seus pés duros quebravam espinhos e não sentiam a quentura da terra. Montado, confundia-se com o cavalo, grudava-se a ele. E falava uma linguagem cantada, monossilábica e gutural, que o companheiro entendia. A pé, não se aguentava bem. Pendia para um lado, para o outro lado, cambaio, torto e feio. Às vezes, utilizava nas relações com as pessoas a mesma língua com que se dirigia aos brutos – exclamações, onomatopeias. Na verdade, falava pouco. Admira as palavras compridas e difíceis da gente da cidade, tentava reproduzir algumas em vão, mas sabia que elas eram inúteis e talvez perigosas.”

(Graciliano Ramos)

No texto, a referência aos pés:

- a) Constitui um jogo de contrastes entre o mundo cultural e o mundo físico do personagem.
- b) Acentua a rudeza do personagem, em nível físico.

- c) Justifica-se como preparação para o fato de que o personagem não estava preparado para caminhada.
- d) Serve para demonstrar a capacidade de pensar do personagem.

3. Observe a imagem abaixo:



(PORTINARI, C. *Os Retirantes*. 1944. Óleo sobre tela, (190×180) cm. Museu de Arte de São Paulo. SP.)

Com base na Figura 1 e nos conhecimentos sobre a obra de Portinari, considere as afirmativas.

- I. Em *Os Retirantes*, observa-se uma perspectiva ideológica que traduz a formação artística/estética de Portinari, principalmente nas obras de cunho social.
- II. A série *Retirantes* de Portinari, da qual a obra *Os Retirantes* faz parte, apresenta dramaticidade, ao expressar a tragédia e o sofrimento humano, revelando, assim, um caráter de denúncia.
- III. A maneira como são trabalhados os elementos formais, principalmente no tratamento da figura humana, remete à estética neoclássica, presente no Brasil desde a Missão Francesa.
- IV. A obra *Os Retirantes* está inserida em um período do Modernismo, em que este vive um momento de nova síntese, cujos elementos considerados são, entre outros, o nacionalismo e a arte social.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmativas I e II são corretas.
- b) Somente as afirmativas I e III são corretas.

- c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.
- d) Somente as afirmativas I, II e IV são corretas.
- e) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

4. “E as histórias corriam como os fatos mais reais deste mundo. Agora era o encontro do padre Ramalho com o lobisomem na mata. O padre ia para dar a extrema-unção a um doente nos Caldeiros, quando viu uma coisa puxando pelo rabo do cavalo. Deu de rebenque, meteu as esporas, e nada. O cavalo parecia estar com os pés enterrados no chão. Olhou para trás, viu o bicho já querendo partir para cima dele. Tirou do bolso a caixinha com a hóstia consagrada, e apontou. Ouviu o baque de um corpo todo, e um gemido comprido de moribundo. O cavalo tomou as rédeas, disparando. No outro dia, encontraram José Cutia desfalecido na estrada. E o lobisomem bebia sangue também dos animais, chupava os cavalos no pescoço. O poldro coringa do meu avô amanheceu um dia com um talho minando sangue. O lobisomem andara de noite pelas estrebarias.

Eu acreditava em tudo isto, e muitas vezes fui dormir com o susto destes bichos infernais. Na minha sensibilidade, ia crescendo este terror pelo desconhecido, pelas matas escuras, pelos homens amarelos que comiam fígado de menino. E até grande, rapaz de colégio, quando passava pelos sombrios recantos dos lobisomens, era assoviando ou cantando alto para afugentar o medo que ia por mim. Os zumbis também existiam no engenho. Os bois que morriam não se enterravam. Arrastava-se para o cemitério dos animais, à beira do rio, debaixo dos marizeiros, onde eles ficavam para o repasto dos urubus. De longe sentia-se o hálito podre da carniça, e a gente via os comensais disputando os pedaços de carne e as tripas do defunto. O zumbi, que era a alma dos animais, ficava por ali rondando. Não tinha o poder maligno dos lobisomens. Não bebia sangue nem dava surras como as caiporas. Encarnava-se em porcos e bois, que corriam pela frente da gente. E quando se procurava pegá-los, desapareciam por encanto.

Eles me contavam estas histórias dando detalhe por detalhe, que ninguém podia suspeitar da mentira. E a verdade é que para mim tudo isto criava uma vida real. O lobisomem existia, era de carne e osso, bebia sangue de gente. Eu acreditava nele com mais convicção do que acreditava em Deus. Ele ficava tão perto da gente, ali na Mata do Rolo, com as suas unhas de espetos e os seus pés de cabra! (...) Pintavam o lobisomem com uma realidade tão da terra que era o mesmo que eu ter visto. De Deus, tinha-se uma ideia vaga de sua pessoa. Um homem bom, com um céu para os justos e um inferno para a gente ruim como a velha Sinhazinha, com caldeiras e espetos quentes. Mas tudo isso depois que o sujeito morresse. O lobisomem lutava corpo a corpo com a gente viva. Era sair antes da meia-noite para a Mata do Rolo, e encontrá-lo.”

(José Lins do Rêgo. *Menino de engenho*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007, p. 76-7.)

Considerando os aspectos estéticos envolvidos na produção da narrativa no Brasil, verifica-se, no Romance de 30, que:

- a) os aspectos sócio históricos suplantam, na maioria das narrativas, os aspectos estéticos.
- b) o ruralismo e o realismo social reduzem a linguagem literária a um conjunto dialetal dificilmente compreensível em outras regiões do país.
- c) a matéria literária produz a sondagem da alma humana a partir de dada zona geográfica.
- d) predominam os personagens rústicos e o expressionismo verbal, o que justifica ser considerado o marco do fim do Modernismo brasileiro.

5. “[...] Quando o afoxé desapontou no Politeama, ouviu-se um grito uníssono de saudação, um clamor de aplauso: viva, viva, vivoô!

A surpresa fazia o delírio ainda maior: o doutor Francisco Antônio de Castro Loureiro, diretor interino da Secretaria de Polícia, não proibira por motivos étnicos e sociais, em defesa das famílias, dos costumes, da moral e do bem-estar público, no combate ao crime, ao deboche e à desordem, a saída e o desfile dos afoxés, a partir de 1904, sob qualquer pretexto e onde quer que fosse na cidade?

Quem ousara, então?

Ousara o Afoxé dos Filhos da Bahia; nunca saíra antes e jamais se concebera e vira afoxé assim de majestade, de figuração tão grande e bela, com batuque igual, maravilha de cores, ordem admirável e Zumbi em sua grandeza.”

(AMADO, Jorge. *Tenda dos milagres*. 45. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006. p. 65.)

O fragmento em foco, pertencente à obra “Tenda dos Milagres”, comprova um traço da prosa de Jorge Amado presente na alternativa:

- a) Literatura de cunho fortemente político-ideológico com a priorização da luta de classes.
- b) Narrativa voltada para a apreensão do pitoresco e da sensualidade da Bahia.
- c) Crítica irônica ao processo de construção da identidade nacional.
- d) Combate à ideologia da segregação étnico-social.
- e) Defesa da miscigenação cultural.

6. “A velha Totonha de quando em vez batia no engenho. E era um acontecimento para a meninada. Que talento ela possuía para contar as suas histórias, com um jeito admirável de falar em nome de todos os personagens, sem nenhum dente na boca, e com uma voz que dava todos os tons às palavras!

Havia sempre rei e rainha, nos seus contos, e força e adivinhações. E muito da vida, com as suas maldades e as suas grandezas, a gente encontrava naqueles heróis e naqueles intrigantes, que eram sempre castigados com mortes horríveis! O que fazia a velha Totonha mais curiosa era a cor local que ela punha nos seus descritivos. Quando ela queria pintar um reino era como se estivesse falando dum engenho fabuloso. Os rios e florestas por onde andavam os seus personagens se pareciam muito com a Paraíba e a Mata do Rolo. O seu Barba-Azul era um senhor de engenho de Pernambuco.”

(José Lins do Rego. *Menino de Engenho*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980, p. 49-51 (com adaptações).

Na construção da personagem “velha Totonha”, é possível identificar traços que revelam marcas do processo de colonização e de civilização do país. Considerando o texto acima, infere-se que a velha Totonha:

- a) tira o seu sustento da produção da literatura, apesar de suas condições de vida e de trabalho, que denotam que ela enfrenta situação econômica muito adversa.
- b) compõe, em suas histórias, narrativas épicas e realistas da história do país colonizado, livres da influência de temas e modelos não representativos da realidade nacional.
- c) retrata, na constituição do espaço dos contos, a civilização urbana europeia em concomitância com a representação literária de engenhos, rios e florestas do Brasil.
- d) aproxima-se, ao incluir elementos fabulosos nos contos, do próprio romancista, o qual pretende retratar a realidade brasileira de forma tão grandiosa quanto a europeia.
- e) imprime marcas da realidade local a suas narrativas, que têm como modelo e origem as fontes da literatura e da cultura europeia universalizada.

7. Graciliano Ramos é o autor que, no Modernismo, fez parte da

- a) fase destruidora, que procurou romper com o passado.
- b) segunda fase, em que se destacou a ficção regionalista.
- c) fase irreverente, que buscou motivos no primitivismo.
- d) geração de 45, que procurou estabelecer uma ordem no caos anterior.
- e) década de 60, que transcendentalizou o regionalismo.

8. O Quinze, romance escrito por Raquel de Queiroz, foi publicado em 1915. O assunto central do livro é a seca. Este fenômeno climático cíclico tem consequências econômicas, sociais e existenciais com profundas marcas na vida da população do semiárido.

Sobre as diversas medidas tomadas pelo poder público e suas consequências, pode-se afirmar que:

- a) o governo federal implementou diversas ações para enfrentar o problema, dentre elas: a criação do DNOCS, as frentes de emergência e a construção de açudes.
- b) a seca é um fenômeno estritamente climático, não sendo possível o desenvolvimento de ações eficientes para seu combate.
- c) a transposição das águas do Rio São Francisco, já concluída com sucesso, contribuiu para a solução definitiva do problema.
- d) como o fenômeno climático se restringe ao Nordeste do Brasil, a região seca é conhecida como Polígono Nordestino.
- e) apesar das políticas implementadas, o impacto da seca vem aumentando sobre a população da região, com o aumento do número de mortos a cada novo ciclo de estiagem.

9. O romance regionalista, produzido durante a segunda fase do Modernismo no Brasil:

- a) trouxe uma literatura que, na esteira de configurar uma estética nacional, buscou referências nas culturas locais, a exemplo do que fez José de Alencar em *O sertanejo* e *O gaúcho*.
- b) evidencia a intenção de fazer uma crítica à situação dos trabalhadores nas cidades, desde a exploração dos operários nos grandes centros urbanos, como em *O quinze*, de Raquel de Queirós, até o êxodo rural na região sul, como em *Porteira Fechada*, de Cyro Martins.
- c) trouxe à tona a situação da região nordeste, tematizando a passagem da economia colonial para a capitalista, como o ciclo de narrativas de José Lins do Rego.
- d) mostra um nacionalismo ufanista, que engrandece tudo aquilo que é peculiar à esfera nacional: o clima, a flora, a fauna e os costumes das diversas regiões brasileiras, a exemplo da obra de Jorge Amado.
- e) apresenta uma tendência às histórias intimistas, mostrando o indivíduo em conflito com seu espaço, como nas narrativas de Clarice Lispector.

10. Os romances de Machado de Assis e os de Graciliano Ramos são exemplos bem acabados da forte presença do realismo na literatura brasileira. Entretanto, há diferenças bem marcantes entre a ficção realista do século XIX e a ficção de cunho realista da geração de 30.

Algumas delas são:

I. As obras realistas do século XIX (em particular os romances de Machado de Assis) retratam a burguesia rica, enquanto os romances de Graciliano Ramos retratam apenas os retirantes vítimas da seca.

II. No século XIX, o realismo tem preferência pela temática do adultério feminino e do triângulo amoroso, tema este que não é central nas obras da geração de 30, que se preocupa mais com a desigualdade social.

III. Os romances machadianos são urbanos; as obras de Graciliano Ramos retratam, em geral, os ambientes rurais do Nordeste.

IV. No realismo do século XIX, as personagens, em geral, são mesquinhas, vis e medíocres. Já na ficção realista dos anos 30, as personagens são, sobretudo, produtos de um meio social adverso e injusto.

Está (ão) correta(s):

- a) apenas I, II e III.
- b) apenas I, II e IV.
- c) apenas II, III e IV.
- d) apenas III e IV.
- e) todas.

Vem que tem mais!

O filme “Capitães da Areia”, dirigido por Cecília Amado, é uma adaptação do livro de um dos grandes autores modernistas da segunda fase: Jorge Amado. A trama mostra como vive um grupo de meninos de rua, conhecidos como capitães da areia, que vivem à margem da sociedade e realizam pequenos furtos para sobreviverem.



(Na foto, os atores que deram vida aos personagens “Capitães da Areia”).

Leia, abaixo, um pequeno trecho extraído da obra de Jorge Amado:

“Pirulito mirou o céu azul onde Deus devia estar e agradeceu num sorriso e pensou que Deus era realmente bom. E pensando em Deus pensou também nos Capitães da Areia. Eles furtavam, brigavam nas ruas, [...], por vezes feriam com navalhas ou punhal homens e polícias. Mas, no entanto, eram bons, uns eram amigos dos outros. Se faziam tudo aquilo é que não tinham casa, nem pai, nem mãe, a vida deles era uma vida sem ter comida certa e dormindo num casarão quase sem teto. Se não fizessem tudo aquilo morreriam de fome, porque eram raras as casas que davam de comer a um, de vestir a outro. E nem toda a cidade poderia dar a todos. Pirulito pensou que todos estavam condenados ao inferno. Pedro Bala não acreditava no inferno, Professor tampouco, riam dele.”

(Capitães da Areia)

Comparando as informações apresentadas com os seus conhecimentos sobre o tema, diga quais são as características presentes na segunda fase do Modernismo que conseguimos identificar no filme e na obra de Jorge Amado.

Gabarito

1. A
2. B
3. D
4. A
5. D
6. E
7. B
8. A
9. C
10. C

Gabarito “Vem que tem mais”!

A segunda fase Modernista, também conhecida como o romance de 30, tem forte caráter social. Neste sentido, a denúncia social diante da condição de desigualdade e descaso público vivenciada pelas classes menos favorecidas da sociedade são características de destaque daquele momento, como os capitães da areia, que são tratados de forma invisível frente às questões econômicas, sociais e educacionais. Além disso, os protagonistas são meninos pobres da região Nordeste, o que merece destaque, uma vez que a literatura promove uma maior acessibilidade à linguagem.